

Kreuzlieder: encontros entre a Poesia e a História acerca das expedições germânicas às Cruzadas (1188-1228)

Kreuzlieder: Encounters between Poetry and History about the German expeditions to the Crusades (1188-1228)

Daniele Gallindo Gonçalves Silva¹
danigallindo@yahoo.de

Vinicius Cesar Dreger de Araujo²
viniciusdreger@hotmail.com

Resumo: Diferentemente do pensamento tradicional acerca das Cruzadas, entre fins do século XI e a primeira metade do século XIII, houve grande envolvimento de cruzados oriundos do Sacro Império Romano, particularmente do reino da Germânia. Este processo gerou consideráveis implicações na vida política e cultural germânica do período. Podemos constatar tal fato na produção lírica em médio-alto-alemão, que abrange duas grandes categorias: o *Minnesang* – o canto da *minne* (amor) – e a *Spruchdichtung* (poesia sentenciosa). Estas podem, por sua vez, ser subdivididas em outras tantas, sendo uma delas a *Kreuzlied*, na qual os poemas têm seu eu lírico tematizando o movimento das Cruzadas. Walther von der Vogelweide, Hartmann von Aue, Friedrich von Hausen, Albrecht von Johansdorf, Otto von Botenlouben e Heinrich von Rugge são exemplos de *Minnesänger* que apresentaram em suas canções temas como a participação nas expedições cruzadas, o contato com o outro (no caso os islâmicos), o discurso da *minne*, a despedida e os embates religiosos e laicos. Esse artigo pretende, desta forma, analisar alguns exemplos dessa lírica com a finalidade de compreender de que forma o movimento cruzado é representado pelos *Minnesänger* da época, assim como discutir a inserção dos germânicos na história das Cruzadas.

Palavras-chave: Idade Média Central, Sacro Império Romano, dinastia dos Staufer, lírica de Cruzadas, médio-alto-alemão.

Abstract: Contrary to the traditional thinking about the Crusades, between the end of the eleventh century and the first half of the thirteenth century there was great involvement of crusaders from the Holy Roman Empire, particularly from the kingdom of Germany. This process had considerable implications for the German political and cultural life of the period. We can see this fact in lyric production in medium-high-German, which covers two broad categories: the *Minnesang*, the song of the *minne* (love), and the *Spruchdichtung* (sententious poetry). These can, in turn, be subdivided into many categories, including the *Kreuzlied*, a poem in which the lyrical self thematizes the Crusader movement. Walther von der Vogelweide, Hartmann von Aue, Friedrich von Hausen, Albrecht von Johansdorf, Otto von Botenlouben and Heinrich von Rugge are examples of *Minnesänger* who presented in their songs themes such as the participation in the Crusades, contact

¹ Universidade Federal de Pelotas.
Rua Gomes Carneiro, 1, Centro,
96010-610, Pelotas, RS, Brasil.

² Universidade Estadual de Montes
Claros. Av. Rui Braga, s/n, Vila Mau-
ricéia, 39401-089, Montes Claros,
MG, Brasil.

with the other (in this case Islamists), the *minne's* speech, the farewell, and religious and secular struggles. This article intends to analyze some examples of this lyric in order to understand how the Crusader movement is represented by the *Minnesänger* of that time, as well as to discuss the insertion of Germans in the history of the Crusades.

Keywords: High Middle Ages, Holy Roman Empire, Staufer dynasty, Crusader lyric, medium high German.

Introdução

Entre 1305 e 1340 foi compilado o assim chamado *Codex Manesse* (*Codex Palatinus Germanicus*, 848), ou *Große Heidelberger Liederhandschrift*, por encomenda de um rico burguês de Zurique, Rüdiger Manesse. Esse manuscrito concentra em si a maior antologia da lírica trovadoresca germânica, o *Minnesang*, reunindo canções de nada menos do que 137 autores, em uma abrangência cronológica que pode ser datada de por volta de 1170 até cerca de 1300 (Walther e Siebert, 1988, p. IX-XVII). Guardadas as devidas diferenças, poder-se-ia dizer que o *Codex Manesse* seria um análogo germânico do conhecido *Cancioneiro d'Ajuda* português. Um dos maiores diferenciais do manuscrito germânico está em seu conteúdo imagético: cada *Minnesänger*³ tem, no início de sua coletânea, uma iluminura de página completa a representá-lo, segundo a imaginação do século XIV a seu respeito.

Assim sendo, o fólio 116v do manuscrito apresenta uma iluminura que busca representar o *Minnesänger* Friedrich von Hausen (c. 1155-1190), como veremos a seguir:

Posicionado no centro da imagem, coberto por um rico manto escarlate com debruns dourados, o *Minnesänger* se encontra em um navio com dois mastros, um vermelho (à sua esquerda) e um negro (à sua direita). Ambos são interessantes por portarem artifícios característicos da “gramática” das representações no *Codex Manesse*, a dizer: no mastro vermelho, a vela em muito se assemelha à presença de uma longa tira de pergaminho (dispositivo adotado no manuscrito para representar o ato de criação poética), e o cesto de gávea presente no mastro negro foi composto a partir dos elementos que o século XIV atribuiu ao brasão de Friedrich von Hausen⁴.

Até onde se sabe, os compiladores do manuscrito não possuíam informações biográficas de monta acerca de Friedrich von Hausen. Mas, evidentemente, conheciam



Figura 1. Friedrich von Hausen, conforme representado no *Codex Manesse* (Cod. Pal. germ. 848, f. 116v).

Figure 1. Friedrich von Hausen, as represented in the *Codex Manesse* (Cod. Pal. germ. 848, f. 116v).

suas canções e, de forma incomum, também sabiam sobre sua morte. Ambos os indícios apontavam para um único evento: sua participação na expedição germânica comandada pelo imperador Frederico I *Barbarossa*⁵ ao Oriente durante a Terceira Cruzada⁶.

Entretanto, suas canções ligadas à Cruzada não são únicas nem incomuns. Na verdade, fazem parte de

³ Termo equivalente em português: trovador; aquele que canta a *Minne*, conceito que se refere à vassalagem amorosa tanto em relação à dama quanto ao Senhor/senhor.

⁴ Todas as iluminuras de página completa do *Codex Manesse* apresentam seu representado em duas formas: o indivíduo e o brasão que a ele foi associado. Trata-se de uma das primeiras manifestações da Heráldica em estado maduro na Europa medieval.

⁵ Optamos por apresentar a grafia aportuguesada do nome dos monarcas, por convenção (tanto nacional quanto internacional: Frederick Barbarossa, Federico Barbarossa, etc.), já que se trata de personagens muito conhecidos. No entanto, no caso de personagens menos conhecidos, como nossos poetas e outros personagens, optamos por manter a grafia de seus nomes em seu idioma original, uso que também é convencional (como pode ser visto já em estudos já considerados clássicos, como Sayce, 1982 ou contemporâneos, como Gibbs e Johnson, 2001).

⁶ É possível que as criaturinhas demoníacas e armadas que estão posicionadas nas águas sob o navio possam ser interpretadas como os perigos de sua jornada ao Oriente.

um subgênero do *Minnesang* denominado *Kreuzlieder* (*Kreuzzugslieder*), as canções de Cruzada. Desta forma, selecionamos as principais canções daqueles poetas cuja participação em alguma das expedições cruzadas germânicas, recorrentes entre 1187 e 1225, fosse comprovada ou presumida, sendo eles: o já mencionado Friedrich von Hausen, Hartmann von Aue, Albrecht von Johansdorf, Heinrich von Rugge, Otto von Botenlouben e Walther von der Vogelweide⁷, todos elencados no *Codex Manesse*. Pensar uma poética das Cruzadas é, portanto, pensar que, para falar sobre Cruzadas, os poetas utilizam-se de figuras de linguagem e termos reiterados em cada um dos seus versos; elementos que são retomados ou negados por uma tradição literária que vai se estabelecer ao longo do século XII.

A partir desse critério, dedicamo-nos a analisar, além de suas canções, o contexto maior do envolvimento germânico com as Cruzadas, algo pouco discutido em nossa historiografia, e as relações entre esse processo e essas obras, buscando compreender a retroalimentação entre texto e contexto.

A Germânia Imperial Medieval e as Cruzadas

Por volta de 1170, um clérigo da catedral de Würzburg chamado Johann escreveu a seu colega na mesma diocese, Dietrich, para relatar-lhe sua visita à Terra Santa. Em meio a esta missiva, Johann nos expõe um argumento diferente do senso comum acerca das Cruzadas, visível na historiografia nela focada⁸, que nos induz a considerar o movimento cruzadístico como um empreendimento quase que exclusivamente ligado aos reinos de França ou da Inglaterra (este em menor escala):

Três dias depois, é comemorado o aniversário do nobre Duque Godofredo [de Bouillon], de feliz memória, chefe e líder dessa sagrada expedição, nascido de uma família germânica. Seu aniversário é solenemente observado pela cidade, com abundante entrega de esmolas na grande igreja, conforme ele próprio havia determinado ainda em vida.

Mas, embora ele seja homenageado dessa maneira por seus feitos, a tomada da cidade não lhe é creditada com seus [guerreiros] alemães, que suportaram parte considerável dos labores dessa expedição, mas, ainda assim, atribuída apenas aos franceses.

No entanto, o duque Godofredo e seu irmão Balduino (que foi feito rei em Jerusalém sucedendo-o, título que o duque, por humildade, se recusara a ter) eram homens de nosso país, ainda que apenas alguns de nossos tenham lá permanecido, e muitos dos outros tenham, com grande pressa e saudade, voltado para a sua terra natal, toda a cidade veio a cair nas mãos de outras nações – franceses, lorenos, normandos, provençais, auvernos, italianos, espanhóis e burgúndios, que haviam participado na Cruzada; e também nenhuma parte da cidade, nem mesmo uma rua das menores, foi separada para os germânicos. Como eles próprios não se preocuparam com o assunto e não tinham intenção de lá permanecer, seus nomes nunca foram mencionados, e a glória de entregar a Cidade Santa foi atribuída apenas aos francos; e eles neste dia, juntamente com as outras nações acima mencionadas, dominaram a cidade citada e o país vizinho. De fato, esta província da cristandade ampliaria há muito tempo seus limites para além do Nilo no sul e para além de Damasco no norte, caso ali houvesse um grande número de alemães como dos outros (Johann of Würzburg, 1890, p. 40–41).

Johannes escreveu sua missiva no intervalo entre a Segunda e a Terceira Cruzadas (1149-1187), duas expedições com significativa participação germânica, como veremos.

As contribuições germânicas às Cruzadas, assim como suas implicações para as concepções e práticas do poder imperial, foram importantíssimas para os monarcas Staufer (1138-1250), Conrado III, Frederico I, Henrique VI, Felipe e Frederico II, além do Welf, Otto IV (1208-1215), como pode ser constatado com muita propriedade nos artigos da coletânea organizada por Jaspert e Tebruck (2016). Além das questões de poder e autoridade, seu impacto também pode ser constatado na lírica do *Mittelhochdeutsch*⁹, como analisaremos neste artigo. Todavia, para contextualizarmos devidamente o subgênero poético

⁷ As canções dos *Minnesänger* aqui selecionadas encontram-se na antologia *Des Minnesangs Frühling*, 1988 (a partir daqui MF), exceto as de Otto von Botenlouben, catalogada na KLD (*Deutsche Liederdichter des 13. Jahrhunderts*, 1978) e a de Walther von der Vogelweide, catalogada em *Werke. Band 1: Spruchlyrik*, 1994. Essas canções são fundamentais para compreendermos a questão da "problemática das Cruzadas" ("Kreuzzugsproblematik") (Schweikle, 1995, p. 144).

⁸ Graham A. Loud, no prefácio de *The Crusade of Frederick Barbarossa – The History of the Expedition of the Emperor Frederick and Related Texts*, ressalta o seguinte fato: "Do tempo de Sir Walter Scott em diante, a discussão sobre a Terceira Cruzada de 1189-92 tendeu a focar em Ricardo Coração de Leão e a Cruzada Anglo-Normanda. Nos últimos anos, a publicação de fontes sobre a mesma abarcou também as fontes francesas. Em comparação, a expedição alemã liderada pelo imperador Frederico I foi negligenciada" (p. VII). Na verdade, trata-se de um problema maior. Nas clássicas histórias das Cruzadas, de Steven Runciman (3 v.), na organizada por Kenneth Setton (6 v.), nas de Jean Richard e Jean Flori, apenas para citar algumas das mais representativas do século XX, analisou-se o envolvimento germânico nas Cruzadas quase como algo incidental, enfatizando o envolvimento anglo-francês. Uma obra recém-lançada, *Literature of the Crusades*, editada por Simon Thomas Parsons e Linda M. Paterson (2018), não tem nenhum capítulo que trate diretamente da literatura alemã medieval sobre as Cruzadas e um capítulo que trata indiretamente de tema relacionado.

⁹ Médio-alto-alemão, grupo de dialetos das regiões germânicas centrais e meridionais entre os anos 1050 e 1350, englobando os desenvolvimentos do alamanico, do bávaro, do francônio oriental, do francônio meridional renano, do francônio renano, do francônio do Mosela, do ripuário e do turingio (Gibbs e Johnson, 2001, p. 2-3).

da *Kreuzlied*, a canção de Cruzada, devemos realizar uma averiguação que nos aponte esse histórico prévio da ligação entre as Cruzadas levantinas e as terras germânicas.

Embora o reino da Germânia estivesse dividido pela guerra civil¹⁰ intermitente e em desacordo com o Papa Urbano II, isso não impediu que contingentes militares de origem imperial tomassem parte da expedição oficial da Primeira Cruzada (assim como haviam participado da Cruzada Popular, sob Walter *Sans-Avoir* e do notório conde Emicho de Leiningen¹¹), sob a bandeira do duque imperial da Baixa Lorena, Godofredo de Bouillon, como muito bem apontou Johannes de Würzburg.

A chamada “Cruzada de reforço” de 1101¹², liderada pelo duque Welf IV da Bavária e pela margravina Ida da Áustria (entre outros comandantes), contou com grandes contingentes germânicos, assim como peregrinações armadas de grupos independentes, como a levada a cabo por Conrado de Stauffer (então duque da Francônia) entre 1124 e 1125 (Lock, 2006). Não por acaso, pode-se constatar o interesse por esta movimentação em textos exemplares e com considerável circulação no período, como a *Historia Ierosolimitana* (c. 1119) atribuída a Albert de Aachen¹³ ou a *Hierosolymita* de Ekkehard de Aura¹⁴ (c. 1116).

Conrado de Stauffer, agora como Conrado III, rei da Germânia, retornou ao Oriente no comando da expedição germânica durante a Segunda Cruzada (1146-49). Aliás, sob esta denominação genérica foram agrupadas as expedições levantinas de Conrado III e Luís VII da França, a expedição dos aristocratas do nordeste germânico contra a região balto-eslava e a expedição anfíbia que auxiliou o rei Afonso Henriques a tomar Lisboa aos mouros, que contou com a presença de contingentes oriundos de Colônia e da Renânia (possivelmente burgueses e ministeriais), que se juntaram a contingentes ingleses (em sua maioria londrinos), normandos (em especial de Rouen) e flamengos¹⁵.

A principal fonte documental para o estudo da campanha lisboeta é a conhecida *De Expugnatione Lyxbonensi*, de origem anglo-normanda. Entretanto, existem

outros documentos procedentes da Germânia que documentam sua participação na expedição. São três cartas, coletivamente conhecidas como “a Carta de Lisboa” ou “Fonte Teutônica” (Martins, 2017, p. 12-13), devido ao fato de compartilharem das mesmas informações, indicando uma origem comum. A primeira carta foi enviada pelo clérigo Winand a Arnold I, arcebispo de Colônia (1137-1151); a segunda por Arnulf a Milon I, bispo de Théroutanne (1130-1159) e, finalmente, a carta do clérigo Duodechin de Lahnstein ao abade Cuno e aos monges de Disibodenberg (Edgington, 1996, p. 328).

Além destas, existe uma outra fonte, de origem portuguesa, que também trata da ação de cruzados germânicos em 1147. Trata-se da assim chamada *Notícia da fundação do Mosteiro de São Vicente de Lisboa*¹⁶.

Retornando à expedição levantina, ela reuniu parte considerável da aristocracia imperial. Além do próprio rei Conrado III, ela contava com:

[...] o duque Frederico III (Barbarossa) da Suábia, o duque da Bavária Heinrich II Jasomirgott, o conde Welf VI de Memmingen, o duque Vladislav II da Boêmia e o marquês Guglielmo V de Montferrat (todos aparentados entre si). Além destes, estavam também presentes no grupo de comando o margrave Hermann III de Baden, o conde Berthold III de Andechs, o marquês de Verona Guido de Biandrate, os bispos Otto de Freising, Estevão de Metz, Henrique de Toul e o legado papal Theodwin (cardeal do Porto e Santa Rufina). Outros príncipes envolvidos na cruzada foram o margrave Ottokar III da Estíria, os condes palatinos do Reno e da Bavária Hermann de Stableck e Otto de Wittelsbach (respectivamente) e os condes Bernhard da Caríntia, Friedrich de Bogen e Heinrich de Ratzeburg (Araujo, 2012, p. 106-107).

Finalmente, na expedição báltica, os príncipes do nordeste germânico criaram sua própria Cruzada (como uma contrapartida à expedição levantina liderada por seus inimigos), e nela

¹⁰ Derivada de movimentos ligados à confluência de dissensões no interior da aristocracia imperial germânica com as dissensões no interior do alto clero germânico, além do conflito com o Papado reformista, a partir de 1075 (Blumenthal, 1988, p. 110-126).

¹¹ Responsável por grande parte das perseguições aos judeus renanos realizadas por elementos dessa expedição, como elencados nas crônicas hebraicas da 1ª Cruzada. Mais informações podem ser encontradas em Falbel, 2001, particularmente entre as páginas 45 e 55.

¹² Nome dado ao conjunto de três expedições malogradas em seu intento de reforçar as forças militares dos recém-estabelecidos domínios latinos no Levante. Uma expedição lombarda, liderada pelo arcebispo de Milão, Anselmo IV; uma expedição francesa, liderada pelo conde Guilherme II de Nevers e, finalmente, a expedição franco-italo-germânica liderada pelo duque Guilherme IX da Aquitânia, o conde Hugo de Vermandois (veterano da Primeira Cruzada), pelo arcebispo Anselmo de Milão, pelo duque Welf IV da Bavária, pela margravina Ida da Áustria, pelo arcebispo Thiemo de Salzburgo, pelo bispo Ulrich de Passau e pelo abade de Admont (Mayer, 1990, p. 63-65).

¹³ Uma excelente edição bilingue (LAT-EN) deste texto pode ser encontrada em Edgington (2007).

¹⁴ Uma edição recente da mesma em inglês pode ser encontrada na dissertação de King, 2011.

¹⁵ É interessante notarmos que esta expedição reproduz militarmente as parcerias comerciais estabelecidas entre a Inglaterra e a Normandia (fornecedoras de lã) com a Flandres (produtora de tecidos) e, especificamente, de Londres com Colônia, grandes parceiras comerciais desde o século X (Huffman, 2000, p. 35-46). A principal fonte documental para esta expedição é a *De Expugnatione Lyxbonensi*, atribuída a um certo Osbernus e preservada em um único manuscrito, no Corpus Christi College, Cambridge, sob a chancela MS. No. 470, a partir do folio 125r. Uma edição e tradução válida do mesmo pode ser encontrada em David (1936), várias vezes reeditada.

¹⁶ Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca publicou uma edição bilingue da mesma em 1995: *Crônica da Tomada de Lisboa (Chronica da fundação do Mosteiro de São Vicente de Lisboa pelo Incitíssimo e Christianíssimo Dom Afonso Henriquez, 1º Rei de Portugal e como tomou a dita cidade aos Mouros)*, Lisboa, Tipografia Militar, 1995.

[...] estavam os dois pretendentes rivais à coroa dinamarquesa (Knut V e Sweyn III), sendo que cada um comandou uma frota própria, e dois exércitos. O primeiro comandado pelo duque da Saxônia Heinrich o Leão, seu sogro Konrad de Zähringen (inimigo jurado de Frederico Barbarossa e recentemente derrotado por este), pelo arcebispo Adalbero de Bremen e, a contragosto, pelo conde Adolf II de Holstein (veterano das campanhas eslavas de Lotário III). O segundo exército era liderado pelo legado papal Anselm de Havelberg, pelo arcebispo de Mainz, pelos bispos de Halberstadt, Münster, Merseburg, Brandenburg e Olmutz, além dos margraves Konrad de Wettin e Albrecht o Urso (inimigos de Heinrich o Leão) (Araujo, 2012, p. 107).

O fracasso geral da Segunda Cruzada (com exceção das realizações na Península Ibérica) causou um arrefecimento e mesmo contestações à ideia de Cruzada (Araujo, 2013, p. 23). Entretanto, a queda de Jerusalém, após a batalha de Hattin em 1187, viria a mudar este panorama e, mais uma vez, engajar a Germânia e a linhagem dos Staufer em novos empreendimentos cruzados, como a grande expedição liderada por Frederico I Barbarossa no decorrer da Terceira Cruzada, a Cruzada de 1197-98 (liderada por Henrique VI)¹⁷, a movimentação iniciada por Felipe da Suábia que viria a culminar na Quarta Cruzada, na Quinta Cruzada em grande parte patrocinada por Frederico II (1213-21) e, finalmente, na Sexta Cruzada (1228-29), pessoalmente liderada por Frederico II, que recuperou Jerusalém e foi coroado como seu rei.

Como bem notou Nicholas Morton (2011, p. 33-66), o compromisso dos aristocratas germânicos com a Terra Santa entrou em declínio após a Quinta Cruzada, tendo alcançado seu nadir após 1235, mesmo com a questão de que Frederico II, desde a recuperação de Jerusalém, reinava sobre a Terra Santa na qualidade de regente em nome de seu filho Conrado (IV).

Alguns fatores contribuíram poderosamente para tal resultado: a renovação dos conflitos entre o Papado e os Staufer (que se estenderam até o final da linhagem em 1268), a gradual extinção de linhagens tradicionalmente ligadas às expedições levantinas, como a dos Babenberg em 1246, e, finalmente, o traslado da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos da Terra Santa para a Europa Oriental.

Desde o remanejamento das principais atividades da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos (entre 1211 e 1230) (Miltzer, 2005), houve uma importante transferência do empenho cruzadista da nobreza germânica seguindo a mesma tendência, ampliando os domínios

territoriais conquistados pelos Teutônicos e pela Ordem dos Cavaleiros Porta-Gládio (espatários), consolidados no assim chamado *Ordensstaat* (Urban, 2003). O já mencionado artigo de Morton apresenta grande riqueza em dados quantitativos acerca do envolvimento da aristocracia germânica em expedições cruzadas ao Oriente entre 1187 e 1235, e o autor organizou-os graficamente, sendo que recomendamos sua leitura, já que demonstra claramente este processo de esvaziamento da participação teutônica.

Assim, levando em consideração o breve histórico aqui apresentado do processo de envolvimento germânico com as Cruzadas, não causa estranhamento o fato de que veio a se desenvolver na lírica germânica um subgênero específico de canções de Cruzada.

Kreuzlied: canções, poetas e cruzados

Um dos mais respeitados historiadores contemporâneos sobre as Cruzadas, Alan V. Murray, estabelece, em um artigo recente, uma interessante conjectura acerca das canções de Cruzada:

Uma das novas formas de propaganda cruzadista que emergiu no decorrer do século XII foi a canção vernacular de Cruzada, isto é, uma forma de lírica poética que clamava pela participação em uma Cruzada ou, de outro modo, encorajava o apoio a ela. Embora os primeiros exemplos, escritos em provençal, datem da época da Segunda Cruzada, o grande florescimento da lírica cruzadista ocorreu entre a queda de Jerusalém perante Saladino em 1187 e a conclusão da Cruzada do imperador Frederico II em 1229, um período de intensa atividade cruzadista que produziu numerosas canções em provençal, francês antigo e médio-alto-alemão (Murray, 2014, p. 119).

Já para Peter Nusser, a *Kreuzlied*, a lírica cruzadista alemã, sustenta-se como um gênero próprio dentro do *Minnellyrik*. Sua temática trata “de diferentes aspectos e soluções de um conflito que resultava de diversas relações de lealdade no qual um cavaleiro se encontrava” (Nusser, 1992, p. 254, tradução livre). O serviço à dama e a Deus são temáticas constantes nesse gênero. Em muitos dos casos analisados a seguir tratar-se-á de uma estreita relação entre a canção, como fenômeno literário, e a presença massiva de diálogos com o contexto histórico, ou seja, menção direta

¹⁷ Uma expedição, como bem lembrado por Graham Loud (2014), normalmente desprezada pelas historiografias não alemãs, mas de grande importância para o desenrolar da história do Império.

ou indireta a atores sociais (figuras históricas) e eventos referentes ao período das Cruzadas.

Desta forma, esse artigo discutirá duas gerações da lírica germânica: no período entre 1188 e 1198, no qual analisaremos alguns excertos dos seguintes autores: Friedrich von Hausen, Hartmann von Aue, Albrecht von Johansdorf e Heinrich von Rugge, e o intervalo entre 1198 e 1228, no qual apresentaremos análises da lírica de Walther von der Vogelweide. Ressaltamos, contudo, que nosso recorte não segue a clássica divisão do *Minnesang*¹⁸, de Günther Schweikle (1995), em seis partes. De acordo com essa classificação, os autores aqui selecionados pertenceriam à segunda fase (1170-1190/1200, *rheinischer Minnesang*), terceira fase (1190-1210/20) e quarta fase (1190-1230). Apresentaremos e analisaremos as canções dos *Minnesänger* selecionados de acordo com outro recorte, o do envolvimento com as expedições cruzadísticas: o primeiro, entre 1188 e 1198, abarca as expedições de Frederico I e Henrique VI; o segundo, entre 1198 e 1228, inclui em si as expedições ligadas, direta ou indiretamente, a Frederico II.

1188 a 1198: as Cruzadas dos Ältere Staufer¹⁹

O nosso primeiro recorte temporal engloba a 3ª Cruzada e o período dos reinados de Frederico I *Barbarossa* e, após sua morte, de Henrique VI: aqui, encena-se principalmente a participação desses *Minnesänger* nas Cruzadas, pois há uma vinculação direta desses com as cortes, principalmente dos Staufer.

Devemos considerar que as duas expedições (1188-91 e 1197-98) foram empreendimentos de larga escala. Embora as fontes do período não nos permitam discutir números absolutos, atribuem à expedição do *Barbarossa* (1188-91) contingentes que chegam a 100.000 homens (20.000 cavaleiros e 80.000 infantes) (Tyerman, 2010, p. 483). Trata-se de evidente exagero; no entanto, ela foi considerada como a maior das expedições cruzadas ao Oriente. Números mais realistas (mas, possivelmente, ainda muito elásticos) podem ser encontrados na *Chronica regia Coloniensis*: 30.000 homens, dentre os quais 15.000 cavaleiros (Waitz, 1880, p. 144). Graham A. Loud, especialista nas expedições germânicas do século XII, propõe, baseado

nas necessidades de financiamento dos participantes, uma força entre 12.000 e 15.000 homens, incluindo cerca de 3.000 cavaleiros (Loud, 2010, p. 19). Vale ressaltar que Loud considera que a cruzada de Henrique VI (1197-98) tinha potencial para se tornar tão grande quanto a de seu pai (Loud, 2014).

Henrique VI enviou o primeiro escalão de suas tropas, sob o comando do chanceler imperial, Konrad de Querfurt, arcebispo de Mainz e do ministerial Heinrich von Kalden, marechal do Império. Estas forças iniciaram uma campanha na costa libanesa com o intuito de liberá-la dos islâmicos e conectar por terra Acre e Tiro. De fato, os germânicos ocuparam Biblos e Beirute, restabelecendo a conexão terrestre entre os remanescentes do Reino de Jerusalém e os do Condado de Trípoli. Quando do anúncio da morte do imperador Henrique (ocorrida a 28 de setembro de 1197), enquanto organizava o envio do contingente principal que por ele seria comandado, o primeiro escalão assediava a importante fortaleza de Toron, ponto de entrada para os domínios de Damasco (Loud, 2014).

Friedrich von Hausen

Justamente a conexão entre a corte imperial e a Cruzada, segundo a crítica, viria a ser materializada na figura de *Fridericus de Husein*, mencionada em crônicas e documentos entre 1171 e 1190, considerada como a do poeta Friedrich von Hausen, o qual nos seus últimos anos de vida teria servido como ministerial²⁰ na corte dos Staufer²¹, teria participado da Terceira Cruzada e falecido poucas semanas antes da morte do imperador. Trata-se do único dos *Minnesänger* aqui tratados cujo registro de participação em Cruzada foi efetivamente comprovado, tendo tomado parte na expedição de Frederico *Barbarossa* (como brevemente mencionado em nossa introdução) e dela não retornado.

Segundo a *Historia de Expeditione Friderici Imperatoris*, Friedrich von Hausen veio a falecer durante a batalha de Filomelium na Ásia Menor no dia 6 maio de 1190, ao cair do cavalo e quebrar o pescoço:

A 6 de maio, que era o dia da festa de São João “perante a Porta Latina”, nossos homens foram novamente atacados na retaguarda pelos turcos, dos quais mais de 20 foram mortos. Desafortunadamente, na perseguição

¹⁸ Termo que pode ser definido como Trovadorismo germânico.

¹⁹ Denominação extraída da classificação adotada pela *Regesta Imperii*: Ältere Staufer e Jüngere Staufer.

²⁰ Araujo, 2013, p. 6: “Trata-se de uma categoria social única, desenvolvida na Germânia, cujas origens ainda são consideradas algo nebulosas, mas seu status e desenvolvimento a partir do século XI encontram-se consideravelmente bem documentados: são cavaleiros, porém servos, com a obrigação hereditária de prestar serviços militares e administrativos a seus senhores. Embora, como outros servos, não possuíssem liberdade e pudessem ser concedidos a outros senhores, os ministeriais recebiam treino militar (compunham a maior parte da força militar disponível na Germânia dos séculos XII e XIII) e recebiam tanto alódios quanto feudos, dos quais obtinham seu sustento da mesma maneira que os vassallos convencionais. Por volta de 1300 já haviam sido completamente assimilados pela nobreza”.

²¹ Dentre as diversas missões que cumpriu para o monarca, ao escortar o conde Balduino V de Hainaut para a Assembleia de Mainz em 1188, na qual o imperador tomou a cruz, a *Crônica de Hainaut* o descreveu como “o mais virtuoso cavaleiro” (*probissimus miles*) e o considerou um dos *familiares regis* do *Barbarossa* (Gilbert of Mons, 2005, p. 125 e 150).

destes turcos, um distinto cavaleiro, Friedrich von Hausen, acidentalmente caiu de seu cavalo e morreu. Ele foi sepultado sob uma grande macieira. Toda a hoste lamentou-o como a uma figura importante no exército (Loud, 2010, p. 103).

Na lírica de Friedrich, encontramos a experiência cruzada retratada de forma interiorizada: um conflito entre o dever e os anseios mais íntimos, aqui representados pelo par *min lip* e *herze*, como se pode ver a seguir. Neste primeiro verso, percebemos que o *lip* está para o plano do objetivo e o *herze*, para a subjetivação. A personificação do coração lhe atribui um caráter nocivo, visto que, ao desejar, ele não se importa com as consequências mais imediatas desse ato impensado. O eu, também fazendo uma menção ao corpo, possui o controle sobre suas ações, enquanto que o coração atende aos chamados da carne. Vemos, assim, que para o eu da canção o *Gottesdienst* (o serviço a Deus) está acima de tudo, embora haja um nítido embate com a *Frauenminne* (o amor pela mulher). Em outras palavras, *lip* é controlado pelo *Gottesdienst* e, portanto, parte para a Cruzada; já o *herze* é controlado pela *Frauenminne*, e não partiria com o cavaleiro em sua viagem:

<i>Min herze und min lip die wellent scheiden, [...]</i>	Meu coração e eu ²² queremos nos separar [...]
<i>Ich wände ledic sin von solher swære, dô ich daz kriuze in gotes ere nam.</i>	Eu pensei estar livre dessas aflições Quando tomei a cruz em honra a Deus.
<i>ez wære ouch reht deiz herze als ê dâ wære, wan daz sin stætekeit im sin verban.</i>	Teria sido correto, se o coração se portasse devidamente, Se sua constância não o impedisse.
<i>ich solte sin ze rehte ein lebendic man, ob ez den tumben willen sin verbære.</i>	Eu poderia ser um homem completo Se ele renunciasse a seu tolo desejo.
<i>nu sihe ich wol daz im ist gar unmare wie ez mir an dem ende sîle ergân.</i>	Agora vejo com clareza que ele não se importa Com o que pode me acontecer no fim. (Araujo, 2013, p. 12).

(MF 47, 9 e 17-24).

Em outra canção, a *persona* lírica do poeta critica aqueles que se declaram cristãos, aceitaram a cruz, mas que nunca empreenderam a viagem, uma vez que esses serão condenados no dia do juízo final. Deus é aqui o guardião dos portões que se abrirão no momento final,

tendo a prerrogativa de abri-los ou não. É através da participação na Cruzada que o cavaleiro presta seu maior serviço ao maior de todos os senhores; há aqui a fusão entre a cavalaria cortês e a cristã. Nesses versos, não há qualquer conexão com temas referentes ao *Minnesang* clássico; aqui trata-se de um tema puramente moral e religioso: o dever dos cavaleiros cristãos para com as Cruzadas, o que aproximaria essa canção mais ao gênero da *Sangspruchdichtung*²³:

<i>Si waenent dem tôde entrunnen sin, die gote erliegent sine vart. dës war êst der geloube min, daz si sich übel hânt bewart. Swerz daz kriuze nam und niender vert, dem wirt <er> doch ze jungeste schîn, swanne im diu porte ist vor verspert, die er tuot uf den liuten sin.</i>	Eles imaginam ter escapado da morte, aqueles que abandonam a viagem. Essa é minha crença, que eles se protegem muito mal. Quem aceita a cruz e nunca viaja a ele surgirá Deus no Juízo Final, então, o portão está cerrado, aquele que Ele abre para seus fiéis. ²⁴
--	--

(MF 53, 31-38).

Hartmann von Aue

Outros exemplos valiosos para que possamos delimitar o que seria a poética das Cruzadas são oriundos da produção literária de Hartmann von Aue. Diferentemente da variedade documental que atesta a existência de Friedrich von Hausen, os dados acerca da figura de Hartmann são em sua maioria retirados de suas obras ou de menções de seus contemporâneos em fontes diversas. Desta maneira, especula-se que teria circulado pelas cortes dos Staufer, Zähringer e Welfen e seria um ministerial de *Ourwe*, região que se localizaria na Suábia. Até a participação do *Minnesänger* em uma Cruzada é fruto de sua produção lírica. Embora seja incerta sua biografia, suas *Kreuzlieder* atestam a adesão ao grande movimento de seu tempo (Jackson, 1994, p. 30-36).

Na canção “*ich var mit iurweren hulden*” (MF 218, 5), vemos a construção do ideal da *Gottesminne* baseado no ataque à *Frauenminne*, visto que somente essa dedicação ao Senhor pode movê-lo de sua pátria. No centro de sua lírica de Cruzada encontramos, portanto, a interdependência do binômio serviço-recompensa:

²² Sobre o conceito de *lip* e as possibilidades de tradução indicamos Silva, 2013.

²³ Gênero de canções discursivas e argumentativas, destinadas à discussão de determinados tópicos, com caráter moralista. Normalmente destinadas ao monarca ou ao papa.

²⁴ Todas as traduções deste artigo foram feitas por Daniele Gallindo Gonçalves Silva.

*Sich rüemet maniger, waz er dur
die minne taete.
â sint diu werce? die rede hoere
ich wol.
doch saehe ich gern, daz si ir
eteslichen baete,
daz er ir diene, als ich ir dienen
sol.
Ez ist geminnet, der sich durch
die minne ellenden muoz.
nu seht, wie si mich ûz miner
zungen über mer.
und lebte min her Salatin und
al sin her
dien braehten mich von Vranken
niemer einen vuoz.
(MF 218, 13-20).*

Muitos se vangloriam sobre aquilo tudo que fariam por amor. Mas onde estão os feitos? As palavras ouço com clareza. Mas gostaria de ver como ele pedisse a muitos deles que o servissem, assim como eu vou servi-lo. É amor quando alguém por amor parte para terras estranhas. Agora vejam como ele me conduz da minha terra para além-mar. Se meu senhor vivesse, Saladino e todo seu Exército não seriam capazes de mover-me da Francônia/Terra Santa. (Araujo, 2013, p. 17).

Os últimos dois versos da estrofe selecionada são de extrema complexidade e já suscitaram inúmeras análises. Hilbert Weddige (2003, p. 265) e Jürgen Wolf (2007, p. 35) apontam duas traduções possíveis. Na primeira delas, o verbo em condicional atestaria a morte de Saladino (1193): “e mesmo que *monsieur* Saladino ainda vivesse, ele e todo seu exército...”. Para aqueles que buscam a figura histórica de Hartmann von Aue à luz de suas produções, isso colocaria a participação do *Minnesänger* na Cruzada planejada por Henrique VI. Como já mencionado, a Cruzada não se completou dada a morte inesperada do monarca.

Na segunda tradução possível, o verbo em condicional apontaria para a morte do senhor do eu lírico e Saladino ainda viveria. Fica, entretanto, a dúvida acerca de quem seria o “*min her*” evocado na canção. Saladino estaria vivo (1193) e alguma grande autoridade morreria antes dele: juntadas as duas informações, o verso apontaria para a morte de Frederico I *Barbarossa* em 1190. Desta tradução resultaria a interpretação de que a morte de seu senhor e as mudanças sofridas pelo eu lírico (ou seja, voltar-se contra o ideário cortês do *Frauendienst* – o serviço à dama), e não a ameaça à Terra Santa, impulsionariam a partida para a Cruzada. Ainda nos resta um problema a solucionar: a tradução do termo “*vranken*”. Marjatta Wis, ao analisar a terminologia cruzada utilizada em outras obras do período, aponta para o fato de que “*vranken*” representaria *Phrangia* – *regnum Francorum*, que se estenderia ao Ocidente. Neste contexto, a tradução seria: “se meu senhor vivesse, Saladino e todo seu Exército/ não seriam capazes de mover-me da Terra Santa”, o que facilitaria a interpretação desses versos, mas não mudaria a ideologia de que o serviço a Deus, prestado através das Cruzadas, está acima do *Frauendienst*. O ideal aqui seria que “*vranken*” se referisse

ao *status* de cruzado, ou seja, que o eu lírico não moveria um pé em direção contrária ao grupo dos cruzados, visto que, em muitas fontes oriundas do Oriente, os cruzados são assim chamados (Wis, 1990, p. 408).

Se na canção analisada anteriormente há uma dubiedade nos últimos dois versos, que não nos permite definir por completo quem estaria morto – Saladino ou o senhor de Hartmann –, nesses próximos versos, o *Minnesänger* atesta a morte de seu senhor. Juntando-se essa canção à anterior (aceitando assim a segunda tradução como base), aponta-se para a morte de Frederico I *Barbarossa*. Aqui o eu lírico intenta com sua viagem pagar uma dívida, alegando que metade dos lucros seria de seu senhor, uma vez que seria graças a ele que a viagem se torna possível. O fato é que o eu lírico parte para a Cruzada em nome de Deus e de seu senhor, como resultado de sua lealdade para com os dois:

*Sit mich der tât beroubet hât
des herren min,
swie nû diu werlt nâch im
gestât,
daz lâze ich sin.
der fröide min den besten teil
hât er dâ hin,
und schüefe ich nû der sêle heil,
daz, wær ein sin.
mac ich ime ze helfe komen,
min vart, die ich hân genomen,
ich wil ime ir hâlber jehen.
vor gote müeze ich in gesehen.
(MF 210, 23-34)*

Depois que a morte me tomou meu Senhor, o que agora, após sua morte, acontece no mundo não me importa mais. Toda a alegria, a melhor parte, com ele foi-se. Se eu alcançasse agora a salvação da minha alma, seria sensato. Pudessem auxiliá-lo, minha viagem, empreendida, dele seria metade dos lucros. Deus permita que eu possa revê-lo.

Albrecht von Johansdorf

Algumas menções atestam a existência de Albrecht von Johansdorf. Entretanto, sua participação na Cruzada de Frederico I *Barbarossa* (1188-91) não é consenso entre os críticos, permanecendo a dúvida se não teria participado da expedição de 1197-98, já que neste período se encontrava a serviço de Wolfger von Erla, bispo de Passau e partícipe da Cruzada de Henrique VI (aliás, em seu retorno da Terra Santa, Wolfger peticionou a Inocêncio III para que este aprovasse formalmente a constituição dos Cavaleiros Teutônicos, conforme Ranawake, 1994, p. 249-280). Sua lírica cruzadista traz nuances diferentes das tematizadas nos versos de Friedrich von Hausen e Hartmann von Aue. Resta-nos pensar a seguir o que diferencia a poética cruzada de Albrecht das demais anteriormente analisadas. As Cruzadas são nos versos de Albrecht um empreendimento cristão para a salvação da Terra Santa que se encontra em perigo. Fica clara em seus versos a noção de recípro-

cidade, pois se houve um sacrifício pela humanidade, esta, como contrapartida, deve se sacrificar também. A repetição de “*erbarmen*” aponta para a noção de *caritas* (caridade), conceito que não abarca somente o campo religioso, visto que, dentro das virtudes cortesias, um cavaleiro também deve se compadecer daqueles que estão em apuros:

*Die hinnen varnt, die sagent
dur got,
daz Ierusalem der reinen stat
und ouch dem lande
helfe noch nie noeter wart.
diu klage wirt der tumben spot.
die sprechent alle, waer ez un-
serm herren ande,
er raeche ez ân ir aller vart.
Nu mugent si denken, daz er
leit den grimmen tât!
der grözen marter was im ouch
vil gar unnôt,
wan daz in erbarmet unser val.
swen nû sîn criuze und sîn grap
niht wil erbarmen,
daz sint von im die saelden
armen.
(MF 89, 21-31).*

Os que daqui partem, dizem em Deus, que Jerusalém, a Terra Santa, e também o reino nunca precisaram tanto de auxílio. Essa lamentação é escárnio insensato. Todos dizem que se fosse para o nosso Senhor um insulto, ele se vingaria até mesmo sem sua cruzada! Agora lembrem-se que ele sofreu uma morte amarga. Este grande martírio não é em vão, pois ele se compadeceu de nossa perdição. Quem agora com a sua cruz e seu túmulo não tiver misericórdia, Estes são dele os pobres condenados. (Araujo, 2013, p. 19-20).

Nos próximos versos, percebemos que o ímpeto cruzado não se choca com a *Frauenminne*. O eu lírico está ciente de suas obrigações para com Deus (*Gottesdienst*), o que não o impede, contudo, de amar sua dama, uma vez que ambos irão ao encontro da misericórdia divina juntos. Entretanto, há o reconhecimento de que sua dedicação à dama é uma fraqueza, um pecado, que pode ser visto com bons olhos por Deus:

*Mich habent die sorge ûf daz
brâht,
daz ich vil gerne kranken muot
von mirvertribe.
des was mîn herze her niht fri.
ich gedenke alsô vil manige
naht:
„waz sol ich wider got nu tuon,
ob ich belibe,
daz er mir genaedic si?“
sô weiz ich niht vil gröze schul-
de; die ich habe,
niuwan éinê der kume ich
niemer abe.
alle sünde liez ich wol wan die:
Ich minne ein wîp vor al der
welte in minem muote.
got herre, daz vervâch ze guote!
(MF 90, 5-15).*

Essas ameaças trouxeram-me aqui, isso me impele a superar minha fraqueza. Disso meu coração não está livre. Muitas noites eu penso: “O que eu posso fazer agora diante de Deus, se eu cair, para que ele me seja misericordioso?” Então eu não sei de grandes pecados que me pesam, a não ser um, do qual eu nunca fugirei. De todos os pecados eu me absteria exceto de um: acima de tudo no mundo, eu amo por completo uma mulher. Deus, meu Senhor, desconta-me essa positivamente! (Araujo, 2013, p. 19-20).

Heinrich von Rugge

Sobre a existência de Heinrich von Rugge há somente uma menção documental (com data incerta, 1175 ou 1178) (Jackson, 2003, p. 95), e esta figura seria um ministerial dos condes palatinos de Tübingen. Por conta de sua canção de Cruzada lamentando a morte de Frederico I *Barbarossa*, alguns autores acreditam que o *Minnesänger* teria empreendido uma Cruzada (Terceira Cruzada, 1191) sob o duque Leopold V da Áustria.

Na canção a seguir, o eu lírico de Heinrich von Rugge lamenta a morte de Frederico I *Barbarossa* e, ao mesmo, tempo atesta a grandeza do monarca, uma vez que se refere à sua alma como reluzente e digna da estar na presença de Deus. A morte de *Barbarossa* e a segurança na salvação de sua alma, visto que falece ao empreender uma cruzada, tornam-se, assim, a ratificação necessária ao chamamento para que outros cavaleiros se apresentem em nome de Deus:

*Daz wir geniezen müezen sîn,
des er gedienet hât
unde ander manege bilgerlîn,
der dinc vil schône stât.
der sêle, diu ist vor got schîn,
der niemer si verlât.
der selbe sedel ist uns allen veile.
swer in nu koufet an der zît,
daz ist ein saelekeit,
sit got sîeze marke git.
jâ vinden wir gereit
lediclichen âne strit
grôz liep allez leit.
nu werbent nâch dem
wunneclicheme heile!
(MF 97, 13-26).*

Para que possamos participar naquilo que ele ganhou através do seu serviço, e muitos outros peregrinos, que lá se encontram tão fiéis. A sua alma, que reluz perante Deus, O qual nunca mais a deixará. O mesmo lugar está disponível para todos nós. Se alguém compra-lhe a tempo, Então, é uma graça, Um presente tão precioso de Deus. Lá nós encontramos gratuitamente sem contes-tação grande alegria sem todo o sofrimento. Agora, pois, adiante, à salvação milagrosa!

1198-1228: as Cruzadas dos Jüngere Staufer

O período após 1190 foi palco de uma crescente instabilidade na Germânia, que encontrou sua principal expressão nas disputas entre a linhagem imperial dos Staufer e seus parentes próximos, os Welf. Particularmente, após o falecimento de Henrique VI, com Frederico II como infante (apenas 3 anos de idade), a disputa

coalesceu ao redor das figuras de Felipe da Suábia e de Otto de Braunschweig, respectivamente filhos de Frederico I *Barbarossa* e de Henrique, o Leão. Otto, além de arregimentar os fiéis da casa dos Welf, contava também com o poderoso apoio de seus tios maternos: Ricardo I e João I da Inglaterra, o que conferia aos Staufer o apoio da casa real francesa.

Em 1208, as fortunas dos Staufer, em alta com Felipe da Suábia, foram revertidas com o assassinato deste em plena catedral de Bamberg, por um partidário descontente, o conde palatino da Bavária, Otto de Wittelsbach. A partir deste momento os partidários dos Staufer haviam perdido seu candidato viável ao trono, sendo este concedido ainda no mesmo ano ao pretendente rival, a partir de então, Otto IV. Outro fato digno de nota no mesmo ano foi a maioridade de Frederico II, uma sombra sobre a coroa de Otto.

No ano seguinte, após receber a sagração imperial em Roma, Otto IV rompeu seu pacto com Inocêncio III (que estabelecia que o Welf não tentaria obter a coroa do Reino da Sicília, posto que esta só havia pertencido a Henrique VI por direito de casamento, e assim não cercaria por norte e sul os domínios papais na Itália central), avançando pelo sul da Itália. Em 1211, Frederico estava isolado na Sicília enquanto Otto aguardava a armada de seus aliados pisanos que levariam seu exército ao outro lado do estreito de Messina (Haverkamp, 1992, p. 243-248).

Entretanto, como em um romance de aventuras, uma nova reviravolta se deu e os partidários dos Staufer na Germânia, em conluio com descontentes e com o apoio tácito de Inocêncio III, elegeram o *puer Apuliae*²⁵ como rei em 1211. Então, Frederico partiu por mar até Gênova e por terra prosseguiu para as terras ancestrais dos Staufer na Suábia e outras regiões, onde recrutou apoio e tropas para uma guerra civil que pairava no horizonte enquanto Otto recuava da Itália o mais rápido que podia.

O desenvolvimento deste grande jogo entre as famílias imperiais e as dinastias anglo-francesas atingiu seu apogeu com a vitória de Felipe II Augusto sobre os exércitos imperiais de Otto IV na Batalha de Bouvines (1214), que permitiu o fim do impasse na Germânia e a subsequente coroação de Frederico II como rei em Aachen (1215)²⁶.

Justamente em sua coroação, Frederico II tomou a cruz, prometendo participar da expedição que Inocêncio

III preparava cuidadosamente desde 1213, para corrigir o fiasco da 4ª Cruzada²⁷ e concentrar os esforços na retomada de Jerusalém. O recrutamento entre os germânicos foi confiado pelo papa a Oliver de Paderborn, escolástico de Colônia que já havia realizado pregações contra os albigenses em 1208 (Powell, 1986, p. 75).

O amplo envolvimento germânico nesta Cruzada (a primeira a ser encaminhada para o Egito, prova da mudança do centro de gravidade do aiúbida de Damasco para o Cairo) foi primorosamente documentado por James M. Powell em sua obra *The Anatomy of a Crusade 1213-1221*, sendo que em seus apêndices, nos quais lista participantes confirmados da Cruzada e participantes de participação duvidosa, reuniu centenas de nomes oriundos da Germânia Imperial (Powell, 1986, p. 209-258). Os dois principais contingentes desta expedição foram os liderados pelo rei André II da Hungria e pelo duque Leopoldo VI da Áustria.

Frederico II, embora tenha jurado participar desta expedição (e o papa Honório III protelado a partida da mesma até 1217 para que o monarca cumprisse seu voto), não o fez; entretanto, contribuiu com financiamento, apoio logístico e homens de armas. Ele precisava lidar com a reorganização do poder na Germânia, Itália setentrional e no reino siciliano. Finalmente pôde partir em 1228, mesmo sob proibição papal.

Ao chegar ao Egito, entabulou negociações com o sultão aiúbida Al-Kamil e conseguiu por esse meio recuperar Jerusalém, onde, graças a seu matrimônio com a herdeira putativa do trono, Isabelle de Brienne, foi coroado no ano seguinte como rei, em nome de seu filho, o futuro Conrado IV (Abulafia, 1992, p. 164-201).

*Otto von Botenlouben*²⁸

Otto von Botenlouben (c. 1175-1244) foi identificado pela primeira vez como testemunha de diplomas do imperador Henrique VI entre 1196 e 1197, justamente durante a movimentação deste último em direção à Terra Santa, percorrendo a Itália até Messina, onde encontrou sua desdita. No entanto, embora a Cruzada de Henrique tenha se desfeito, Otto seguiu em direção ao Oriente e lá veio a se estabelecer, retornando à Germânia por volta de 1220, durante a preparação para a expedição de Frederico II.

²⁵ "O menino da Apúlia": segundo Ernst Kantorowicz, era a forma como comumente se fazia referência a Frederico II de Staufer quando este ascendeu ao trono germânico (Kantorowicz, 1957, p. 59).

²⁶ Acerca de Bouvines e seu significado estratégico no continente europeu, recomendamos a leitura da clássica análise de Duby (1993).

²⁷ Aliás, em uma digressão, devemos notar que o clima de tensão entre germânicos e bizantinos havia escalado durante o período da 3ª Cruzada, sendo que o *Barbarossa* teve que combater contra os romanos orientais por boa parte de seu caminho e, em carta endereçada a Henrique VI, chegou mesmo a pedir que este reunisse as frotas genovesa e pisana para tomar Constantinopla, caso os bizantinos não cooperassem com sua travessia para a Ásia Menor. Isso não foi esquecido por seu herdeiro, que abertamente ameaçou os orientais, que, pressionados, pagaram-lhe vasta soma em ouro, o Alamannikon. A situação interna da dinastia dos Ángeli era caótica; com a usurpação do trono de Isaac II por seu irmão Alexius III, surgiu uma nova chance para a ambição germânica no Oriente, posto que Felipe da Suábia havia desposado Irene, filha de Isaac II. As já descritas condições internas da política germânica não permitiram que eventuais planos prosseguissem, mas a semente do que viria a ser a 4ª Cruzada já havia sido plantada (Abulafia, 1992, p. 89-102).

²⁸ Este poeta faz parte de um projeto do Goethe Institut, denominado Deutsche Spuren im Libanon (A presença alemã no Líbano), cujos detalhes podem ser encontrados na seguinte página: <https://www.goethe.de/ins/lb/de/kul/sup/spu/20908792.html>, acessada a 17/04/2018.

A biografia deste *Minnesänger* é uma das mais interessantes (e movimentadas) dos poetas por nós selecionados. Pertencia à linhagem dos condes de Henneberg, sendo seu pai, Poppo VI, burgrave de Würzburg e participante da expedição cruzada de Frederico I, na qual faleceu (Heinrich, 1994, p. 401-469), estabelecendo assim um padrão de envolvimento dos Henneberger nas cruzadas levantinas. Otto, como já mencionado, fez parte do contingente da expedição de Henrique VI que chegou ao Levante. Após a dissolução da expedição, Otto permaneceu na Terra Santa, especificamente na corte real de Jerusalém em Acre, na qual, em 1208, contraiu matrimônio com Beatriz de Courtenay, única herdeira do rico senescal Joscelin III de Courtenay (Bünz, 1994, p. 71-88). Por volta de 1220, o casal liquidou suas posses no Oriente, vendendo-as à Ordem Teutônica, e retornou à Germânia. Otto manteve-se ativo na corte régia (tanto com Frederico II quanto com seu filho Henrique [VII], rei da Germânia) até 1234. Seus últimos dez anos foram dedicados à vida religiosa, na abadia beneditina de Frauenroth, fundada pelo casal condal em 1231 (Bünz, 1994, p. 117-151).

*Waere Kristes lôn niht alsô sūeze,
so enlieze ich niht der lieben
frouwen mîn,
diech in mînem herzen dicke
grüeze:
sie mac vil wol mîn himelriche sîn,
swâ diu guote wone al umbe
den Rîn.
herre got, nu tuo mir helfe schîn,
daz ich mir und ir erwerbe noch
die hulde dîn!*

Não fosse a recompensa de Cristo tão doce, eu não deixaria, pois, a amada dama, a qual eu tanto louvo em meu coração: ela pode ser meu reino dos céus onde quer que a bela esteja também sobre o Reno. Senhor Deus, mostra-me, então, tua ajuda que eu obtenha para mim e para ela ao mesmo tempo tua graça!

*Sit er gibt ich sîn himelriche,
sô habe ich in zuo gote mir erkorn,
daz er niemer fuoz von mir
entwiche.
herre got, lâ dirz niht wesen zorn.
erst mir in den ougen niht ein
dorn,
der mir bie ze fröiden ist geborn.
kumt er mir niht wider, mîn
spilnde fröide ist gar verlorn.
(KLD 12).*

Desde que ele disse que sou seu reino dos céus, eu o escolhi para mim como Deus para que ele não se afaste de mim. Senhor Deus, não te ires comigo, porque ele não me é, de forma alguma, um espinho nos olhos, que aqui me nasceu de alegria. caso ele não volte, então, minha gloriosa alegria estará completamente destruída.

A presença, na canção de Botenlouben, do ponto de vista de sua dama, é uma construção interessante que vem a legitimar o ponto de vista do cruzado-poeta. Sua declaração com ares blasfemos (de que o poeta é seu Deus por escolha) também é digna do perdão divino, posto que feita em nome do amor, e este é a chave da salvação para ambos: tanto o cruzado quanto a dama. No entanto, considerando a biografia do poeta em questão, a “recompensa de Cristo” não pode ser desconsiderada como algo de natureza bem material...

Walther von der Vogelweide

Embora seja um dos mais famosos *Minnesänger*, Walther von der Vogelweide possui apenas uma única menção documental (na lista de despesas do já mencionado bispo Wolfger von Erla, sem data definida) independentemente de suas canções ou de menções presentes nas obras de outros poetas. Entretanto, seu presumido período de atividade (*circa* 1190-1230) abrange o apogeu da atividade cruzadística germânica (Terceira Cruzada, Cruzada de 1197-98, elaboração da Quarta Cruzada, Quinta Cruzada e Sexta Cruzada); embora não se possa afirmar claramente que Walther tenha participado de qualquer um desses movimentos, pode-se considerá-lo como um entusiasmado propagandista do *ethos* cruzado na Germânia Imperial.

Walther foi um atento espectador de seu conturbado contexto sociopolítico e nos revela em sua poesia política uma visão das galerias acerca dos desenvolvimentos no palco principal dos jogos de poder. Como ministerial, e não dos mais abastados (como Werner II von Bolanden, conviva da corte imperial, testemunha de diversos diplomas imperiais, detentor de benefícios de cerca de 80 senhores diferentes [Arnold, 1985, p. 172] e que poderia mesmo reunir um contingente militar de 1.100 cavaleiros [Schutz, 2010, p. 131], o que o colocaria a par com alguns dos mais poderosos senhores do reino, como o arcebispo de Colônia, por exemplo), Walther teve que optar por muitos lados no conflito até alinhar-se com Frederico II e, finalmente, alcançar sua recompensa. Cybele C. Almeida e Daniele G. Silva exploraram com profundidade as relações entre a biografia e a poesia de Walther em artigo de 2016.

Entretanto, por mais interessante que seja sua lírica política, nosso foco se encontra na análise de sua importantíssima lírica cruzadista:

*Hêr keiser, swenne ir Tiuschen
fride
gemachet stæte bi der wide,
sô bietent iu die fremeden
zungen êre.
die sult ir nemen ân arebeit
und süenent al die kristenheit:
daz tiuret iuch, und müet die
heiden sêre.
ir tragt zwoi keisers ellen,
des aren tugent, des lewen kraft:
die sint des hêrren zeichen an
dem schilte,
die zwêne hergesellen:
wan wolten an die heidenschaft!
waz widerstüende ir manheit
und ihr milte?
(L 12, 18-29).*

Senhor Imperador, quando paz aos alemães estabeleceréis sob pena, então vos prestarão homenagem os povos estrangeiros. isso alcançareis facilmente e concedereis a toda a cristandade: isso vos eleva e fere muito os infiéis. Vós carregais duas forças imperiais, a virtude da águia, a força do leão: estas são o símbolo do Senhor no brasão, ambos companheiros. Oh, que os liberteis sobre os infiéis! O que resistiria a vossa bravura e bondade?

O eu lírico dessa canção se apresenta como um exortador das políticas imperiais em detrimento da prerrogativa papal de conclamar às Cruzadas, uma vez que, como governante, Otto IV carrega em si uma dupla força: ser a cabeça do império (a águia) e ter ligações sanguíneas e políticas com a dinastia Plantageneta (o leão): Otto havia crescido na corte anglo-angevina de seu avô, Henrique II Plantageneta, e manteve proximidade com seus tios e reis da Inglaterra Ricardo I e João, a ponto de colaborar com a pressão deste último contra a França de Felipe II Augusto na Batalha de Bouvines em 1214 (Duby, 1993).

A derrota de Otto nesta batalha foi essencial para que este perdesse apoio entre a aristocracia germânica e assim garantisse a, até então, improvável ascensão ao trono de seu rival, Frederico II.

Ao exortar a “bravura e bondade” de Otto, o eu lírico espera que este lidere uma Cruzada com a finalidade de restabelecer a ordem e colocar sobre sua proteção a Terra Santa.

Na canção a seguir, o eu lírico coloca-se na posição de um “mensageiro do Senhor” e, assim como nos versos anteriormente analisados, demanda que o imperador se posicione e leve a cabo uma Cruzada para retomar a Terra Santa dos infiéis, pois se nos céus quem governa é Deus, na terra cabe ao imperador a manutenção da ordem. Parte dessa ordem é fazer justiça e retomar a terra de Cristo. Disso dependerá a salvação da alma do governante, até mesmo se houver uma querela com o diabo:

*Hēr keiser, ich bin frōnebote
und bring iu boteschaft von gote.
ir habt die erde, er hāt daz
himmelriche.
er hiez iu klagen (ir sīt sīn
voget),
in sīnes sunes lande broget
diu heidenschaft iu beiden
lasterliche.*

*ir muget im gerne rihten:
sīn sun der ist geheizē Krist,
er hiez iu sagen wie erz
verschulden welle:
nū lāt in zuo iu pflihten.
er rihtet iu da er voget ist,
klagt ir joch über den tievel
ūz der helle.
(L 12, 6-17).*

Senhor Imperador, eu sou um mensageiro do Senhor
E trago-vos Sua mensagem.
A terra é vossa; o reino dos céus é d'Ele.
Ele manda perante vós de-
mandar (vós sois Seu patrono)
na terra de Seu filho vanglori-
am-se
os infiéis de vós ambos.

Vós deveis-lhe fazer justiça:
Seu Filho, que se chama Jesus
Cristo,
manda dizer-vos como vos
recompensará:
então, selai um acordo com ele
Lá onde ele é patrono, ele julga
Ainda que vós demandeis
contra o diabo no inferno.

Em relação à participação de Frederico II nas Cruzadas, a canção é construída em tom de ironia, o que faz sentido, já que, no momento de sua coroação como rei da

Germânia em Aachen (1215), Frederico II havia proferido seu voto como cruzado. Entretanto, assuntos internos já mencionados, como a pacificação de seus vastos domínios (que se estendiam da costa do Báltico à Sicília), mantiveram-no efetivamente afastado da realização da Quinta Cruzada, embora a apoiasse com homens e recursos.

O eu lírico nesta canção demanda a um emissário que noticie ao imperador que este deve, o mais rápido possível, empreender uma Cruzada. Nesses versos, a Cruzada é transformada em uma necessidade para assegurar o domínio e a soberania da dinastia Stauffer, tendo em vista as anteriores disputas com o papado:

*Bot, sage dem keiser sīnes armen
mannes rāt,
daz ich deheinen bezzern weiz
als ez nū stāt.
ob in guotes unde liute ieman
erbeiten lāt,
sō var er balde und kome uns
schiere, lāze sich niht tæren;
irre etelichen ouch der got und
in geirret hāt;
die rehten pfaffen warne, daz
si niht gehæren
den unrehten die daz rīche
wænent stæren;
scheides von in, oder scheides
alle von den kæren.
(L 10, 17-24).*

Emissário, informe ao Imperador o conselho de seu servo devotado:
que não sei melhor do que agora está.
Se alguém lhe solicita bens e homens,
então, que ele parta logo e retorne rápido a nós, e não se deixe passar por tolo. Aquele que também a Deus importuna, a ele importunará.
O verdadeiro clérigo o advirta a não prestar atenção aos falsos, que desejam colocar o império em confusão.
Que desses ele se aparte, ou que os remova do coro.

De todas as canções de Walther que possuem alguma relação com as Cruzadas, a *Palästinalied* é, sem dúvida, a mais citada e a que tem em si a representação do ideário cristão. Nela encena-se a chegada de um cavaleiro cruzado à Terra Santa, a qual é descrita como pura e honrada por ser o cenário da encarnação do filho de Deus. Os versos que se seguem (re)apresentam a história de Cristo, de seu nascimento à sua morte. A terra na qual toda a história da salvação se passou assiste agora à tão injusta luta entre cristãos, judeus e pagãos, pois todos se dizem seus donos. Todavia, cabe a Deus a decisão final, sendo que ao eu lírico parece justo que seja dos cristãos a prerrogativa da concessão:

*Allererst lebe ich mir werde,
sīt mīn sündic ouge siht
daz reine lant und ouch die erde
der man sō vil èren gibt.
mīrst geschehen des ich ie bat,
ich bin komen an die stat
dā got mennischlichen trat.
(L 14, 38-39 - 15, 1-5).*

Só agora eu vivo dignamente, desde que meu olho pecaminoso vê a terra pura e também a terra a qual tanto se honra.
Aconteceu-me o que eu sempre pedia, eu vim para o lugar no qual Deus encarnou.

*Kristen juden und die heiden
jehent daz diz ir erbe si:
got müez ez ze rehte scheiden
durch die sine namen dri.
al diu welt diu stritet ber:
wir sin an der rehten ger:
reht ist daz er uns gewer.
(L 16, 29-35).*

Cristãos, judeus e os pagãos
alegam que esta seria sua
herança.
Deus deve decidir com justiça
por sua trindade.
O mundo inteiro, que aqui
luta:
nós estamos do lado certo.
certo é que ele nos conceda!

Os versos que se seguem figuram como uma forma de exortação e oração. Neles, o eu lírico evoca o “dulcíssimo verdadeiro amor” e solicita que este sirva de guia na empreitada. Ao mesmo tempo os cavaleiros são conclamados a libertar a Terra Santa, devendo ofertar suas vidas e propriedades em prol de um bem maior:

*Vil süeze wære minne,
berihete kranke sinne.
got, dur din anbeginne
bewart die kristenheit.
din kunft ist frônebere
übr al der welte swære.
der weisen barmenære,
hilf rechen disiu leit.
(L 76, 22-29).
nû læset unverdrozzen
daz hèrebernde lant.
verzinset lip und eigen.
(L 76, 36-38).*

Dulcíssimo verdadeiro amor,
guia meu fraco espírito.
Deus, por meio da palavra
primeva,
protege a cristandade.
Tua vinda é santa
sobre toda as aflições do mundo.
Apieda-te dos órfãos,
ajuda-nos a curar esse sofrimento!
Agora libertai, incansavel-
mente,
a Terra Santa.
empenhai vida e propriedade.

Em forma de *memento mori*²⁹, o eu lírico assegura que a Cruzada é o caminho mais acertado para aquele que procura sua salvação e que, no momento da angústia, somente a fé é companheira. Jerusalém, aqui a cidade personificada, chora em pedido de auxílio por ter sido esquecida [pelos cristãos] e relegada aos gentios e assiste à sua queda em forma de escravidão. Esse recurso retórico cria a empatia necessária para ratificar uma Cruzada:

*Diz kurze leben verswindet,
der töt uns sündic vindet:
swer sich ze gote gesindet,
der mac der helle engân.
bî swære ist gnâde funden.
nû heilent Kristes wunden,
sin lant wirt schiere enbunden:
dêst sicher sunder wân.
(L 77, 4-11).*

Esta vida curta desaparece,
a morte encontra a nós pe-
cadores:
mas aquele se une a Deus
pode escapar do inferno.
Na angústia encontra auxílio.
Agora curai as feridas de
Cristo,
a sua terra estará logo livre,
isto é certamente verdade.

*erusalêm, nû weine:
wie din vergezzen ist!
der heiden überhère
hât dich verschelket sêre.
(L 78, 14-17).*

Jerusalém, agora chora:
como é que te esqueceram!
A arrogância dos gentios
tem te escravizado duramente.

Na sequência, o eu lírico convoca o cavaleiro (aqui como um representante de toda essa camada social) a pensar, refletir sobre sua condição de *miles christianus*: se, por um lado, elmo, armadura e escudo podem fazer referência ao dever com o mundo – a corte –, por outro lado, a espada consagrada aponta para o dever cristão. Trata-se, pois, do cumprimento do *ethos* cavaleiresco, que, nos versos de Walther, é colocado em contraposição ao do mercenário, aquele que presta serviço mediante um soldo: ao cavaleiro cristão a “coroa da glória”, ao mercenário “posses e ouro”. Para o eu lírico, a grande alegria seria empreender a viagem além-mar, a qual o libertaria de todo o sofrimento: “cantaria com tudo e nunca mais: Ai!”.

*dar an gedenkent, ritter: ez ist
iuwer dinc.
ir tragent die liechten helme
und manegen herten rinc,
dar zuo die vesten schilte und
diu gewihten swert.
wolte got, wan wære ich der
sigenünfte wert!
sô wolte ich nôtic armman ver-
dienen richen solt.
joch meine ich niht die huoben
noch der hêrren golt:
ich wolte sælden krône êweclichen
tragen:
die mohte ein soldenære mit sime
sper bejagen.
möht ich die lieben reise gevaren
über sê,
sô wolte ich denne singen wol,
und niemer mêr ouwê.
(L 125, 1-10).*

Refleti sobre isso, senhor cava-
leiro: isso vos concerne!
Vós portais elmos reluzentes e
armadura pesada,
além disso um escudo firme e
espada consagrada.
Quisera Deus eu fosse digno
desse triunfo!
Então, pudesse eu, pobre ho-
mem, merecer rico soldo.
Com isso não me refiro às
posses e ouro dos senhores:
eu quero carregar eternamente
a coroa da glória,
isso poderia todo mercenário
com sua lança alcançar.
Pudesse eu empreender a cara
viagem além-mar,
cantaria com tudo e nunca
mais: Ai!!

Considerações finais

O poeta se divide entre seu amor e fidelidade à sua dama e seu dever e lealdade a Deus. Partir, não mais apenas para a glória do divino Nome (motivação central nos relatos ligados à Primeira Cruzada), mas principalmente pelas demandas da honra e da vergonha, valores sociais extremamente presentes entre os cavaleiros de fins do século XII (Araujo, 2013). Esse dilema, embora construído por meio do denso formalismo destas canções, compro-

²⁹ Expressão latina cujo significado, “lembre-se da morte”, pode ser entendido como um chamado à humilde contrição.

metidas com o emprego de *topoi* muito específicos desta “arte de trovar”, permite-nos ainda entrever elementos da variedade motivacional e algo da vivência dos cavaleiros germânicos envolvidos nas diversas variantes (expedições ao Levante, à Ibéria e contra populações pagãs eslavas) das expedições cruzadas nas quais o Sacro Império Romano veio a participar entre os séculos XII e XIII.

Ao retomarmos a imagem de abertura deste artigo, a iluminura representando Friedrich von Hausen no *Codex Manesse*, ao apontar para as criaturinhas belicosas abaixo da superfície do mar, o cruzado-poeta revela algo de suas apreensões: o lúgubre augúrio que marca seu futuro empreendimento. Embora possa temer o que o aguarda no Oriente, ele prossegue para cumprir sua missão. E esse compromisso, acima dos conflitos que porventura se apresentem em suas canções, veio a impulsionar os poetas aqui selecionados a ligarem-se, comprovada ou presumidamente, a expedições cruzadas.

Da mesma forma, todos os monarcas da linhagem Stauffer também se viram impelidos a partir em Cruzada. No entanto, seu compromisso ideológico possuía outro teor: o do papel da monarquia imperial na ordem do mundo, como compreendido então, o papel do Império e dos imperadores na *Heiligesgeschichte*, na História da Salvação. A atuação escatológica que se esperava dos imperadores foi reforçada a partir da circulação de textos como o *Ludus de Antichristo* e a *Carta do Preste João das Índias*, que atribuíam enorme carga simbólica e profética à ida do imperador germânico e senhor do Ocidente à Terra Santa (Latowsky, 2013, p. 139-214). O maciço envolvimento destes monarcas a partir de Conrado III na Segunda Cruzada veio a posicionar o *regnum Teutonicorum* como um dos principais participantes das Cruzadas, e, assim, a experiência cruzadística teve profundo efeito sobre o imaginário social, o ideário e as práticas políticas, assim como sobre as manifestações culturais germânicas.

As *Kreuzlieder* corporificam a capilaridade da participação cruzadista germânica no fenômeno cultural da lírica dos *Minnesänger*. Elas nos proporcionam uma outra forma de aproximação para analisarmos o processo histórico da participação germânica nas Cruzadas, permitindo-nos questionar hipoteticamente, por exemplo, como, partindo-se do princípio da oralidade na performance e propagação destas canções, se poderia analisar a penetração da mensagem cruzadista em camadas sociais menos ligadas à estrutura eclesiástica ou desconhecedoras do latim das bulas papais, mas conhecedoras do *Mittelhochdeutsch* e dos valores e vivências cortesões, que seriam participantes diretos destas expedições.

Por outro lado, também permitem que se possa reunir elementos que contribuam para a futura construção de uma poética das Cruzadas, sendo necessário que

atentemos para as problemáticas que os *Minnesänger* desenvolvem em suas canções. Para Friedrich von Hausen, Deus e o ideal cruzado são maiores que a *Frauenminne*. Hartmann von Aue relaciona a *minne* diretamente à lealdade para com seu maior senhor (Deus), atribuindo, portanto, uma dimensão religiosa ao conceito de *minne*. Albrecht von Johansdorf, entretanto, apresenta em suas canções a harmonização entre o serviço cortês à dama e o serviço religioso a Deus quando se trata do tema da Cruzada. Otto von Botenlouben e sua vivência como soldado da fortuna no Oriente nos fazem pensar na presença da materialidade do mundo e das relações humanas em sua concepção de Cruzada. Na lírica de Walther von der Vogelweide não há qualquer problemática no que tange ao serviço cortês, uma vez que romperia anteriormente em sua lírica amorosa com essa conceitualização. Encontramos, portanto, a união entre a crítica política, por vezes mordaz, e a idealização religiosa do movimento cruzado.

Desta maneira, falar de uma poética das Cruzadas é apresentar os desdobramentos temáticos da lírica dos *Minnesänger* que se dedicaram ao tema, seja por participação *in loco* ou por escolher apresentar em sua obra uma visão particular dos embates de sua época. É, acima de tudo, estar atento para as nuances do tema dentro de seu próprio tempo e reconhecer que a circulação, dentro do campo literário, de tal temática atribui a ela um caráter de relevância e de evento.

À guisa de fechamento, estas duas propostas de desdobramentos aqui presentes são apenas duas das possibilidades abertas pela frutífera integração entre estudos históricos e literários para o estudo do Sacro Império Romano, sua cultura, práticas político-ideológicas e seu envolvimento nas Cruzadas, um dos principais fenômenos gestados no decorrer da Idade Média Central (séculos XI-XIII).

Referências

- ABULAFIA, D. 1992. *Frederick II – A Medieval Emperor*. London, Pimlico, 466 p.
- ALMEIDA, C.C. de; SILVA, D.G.G. 2016. A poesia política de Walther von der Vogelweide e a Questão das Investiduras. *Diálogos*, Maringá, 20(3):69-81.
<https://doi.org/10.4025/dialogos.v20i3.33466>
- ARAUJO, V.C.D. de. 2012. “Guerra é Paz” – O paradoxo germânico da Segunda Cruzada. *Roda da Fortuna*, 1(1):92-112.
- ARAUJO, V.C.D. de. 2013. Vozes dissonantes: as reações poéticas à Terceira Cruzada na Germânia Imperial. *Revista Medievalis*, 3(1):1-26.
- ARNOLD, B. 1985. *German Knighthood 1050-1300*. Oxford, OUP, 308 p.
- BLUMENTHAL, U.-R. 1988. *The Investiture Controversy*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 216 p.
<https://doi.org/10.9783/9780812200164>

- BÜNZ, E. 1994. Der Besitz Ottos von Botenlauben im Königreich Jerusalem. In: P. WEIDISCH (org.), *Otto von Botenlauben, Minnesänger – Kreuzfahrer – Klostergründer*. Würzburg, Schöningh, p. 71-88.
- BÜNZ, E. 1994. Otto von Botenlauben, die Gründung des Klosters Frauenroth und die religiösen Bewegungen des 13. Jahrhunderts. In: P. WEIDISCH (org.), *Otto von Botenlauben, Minnesänger – Kreuzfahrer – Klostergründer*. Würzburg, Schöningh, p. 117-151.
- DAVID, C.W. (trad.). 1936. *De Expugnatione Lyxbonensi – The Conquest of Lisbon*. New York, Columbia UP, 224 p.
- DUBY, G. 1993. *O Domingo de Bouvines*. Trad. Maria Cristina Frias. São Paulo, Paz & Terra, 312 p.
- EDGINGTON, S.B. (trad.). 2007. *Albert of Aachen: Historia Ierosolimitana – History of the Journey to Jerusalem*. Oxford, OUP, 1.000 p.
- EDGINGTON, S.B. 1996. The Lisbon Letter of the Second Crusade. *Historical Research*, 69 (170):328-339. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2281.1996.tb01861.x>
- FALBEL, N. 2001. *Kiddush Ha'Shem – Crônicas hebraicas sobre as Cruzadas*. São Paulo, EDUSP/Imesp, 384 p.
- FLORI, J. 2013. *Guerra Santa – Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Trad. Ivone Benedetti. Campinas, Ed. Unicamp, 416 p.
- FONSECA, F.V. da (ed.). 1995. *Crônica da Tomada de Lisboa (Chronica da fundação do Mosteiro de São Vicente de Lixboa pelo Inclitissimo e Chistianissimo Dom Afonso Henriquez, 1º Rei de Portugal e como tomou a dita cidade aos Mouros)*. Lisboa, Tipografia Militar, 110 p.
- FUHRMANN, H. 1995. *Germany in the High Middle Ages c. 1050-1200*. Cambridge, CUP, 228 p.
- GIBBS, M.E.; JOHNSON, S.M. 2001. *Medieval German Literature: A Companion*. London, Routledge, 457 p.
- HAEVERKAMP, A. 1992. *Medieval Germany 1056-1273*. Trad. Helga Braun e Richard Mortimer. Oxford, OUP, 460 p.
- HEINRICH, W. 1994. Genealogie der Grafen von Henneberg bis zur Mitte des 13. Jahrhunderts. In: P. WEIDISCH (org.), *Otto von Botenlauben, Minnesänger – Kreuzfahrer – Klostergründer*. Würzburg, Schöningh, p. 401-469.
- HUFFMAN, J.P. 2000. *The Social Politics of Medieval Diplomacy: Anglo-German Relations (1066-1307)*. Ann Arbor, Michigan University Press, 376 p.
- JACKSON, W.E. 2003. *Ardent Complaints and Equivocal Piety – The Portrayal of the Crusader in Medieval German Poetry*. Lanham, University Press of America, 156 p.
- JACKSON, W.H. 1994. *Chivalry in Twelfth-century Germany: The Works of Hartmann von Aue*. Woodbridge, D.S. Brewer, 336 p.
- JASPERT, N.; TEBRUCK, S. (ed.). 2016. *Die Kreuzzugsbewegung im Römisch-deutschen Reich (11-13 Jahrhundert)*. Sigmaringen, Thorbecke, 480 p.
- KANTOROWICZ, E.H. 1957. *Frederick the Second 1194-1250*. New York, Frederick Ungar, 740 p.
- KING, M.L. 2011. *We're on a Mission from God: A Translation, Commentary, and Essay Concerning The Hierosolymita by Ekkehard of Aura*. Washington. Dissertação de Mestrado, University of Washington, 101 p.
- LATOWSKY, A.A. 2013. *Emperor of the World – Charlemagne and the Construction of Imperial Authority, 800-1229*. Ithaca, Cornell UP, 290 p.
- LOCK, P. (ed.). 2006. *The Routledge Companion to the Crusades*. London, Routledge, 544 p.
- LOUD, G.A. 2014. The German Crusade of 1197-1198. *Crusades*, 13(1):143-171.
- MARTINS, M.G. 2017. *1147 – A conquista de Lisboa na rota da Segunda Cruzada*. Lisboa, Esfera dos Livros, 392 p.
- MAYER, H.E. 1990. *The Crusades*. Oxford, OUP, 378 p.
- MILITZER, K. 2005. *Die Geschichte des Deutschen Ordens*. Stuttgart, Kohlhammer, 352 p.
- MORTON, N. 2011. In Subsidiary: The Declining Contribution of Germany and Eastern Europe to the Crusades to the Holy Land, 1221-91. *German Historical Institute Bulletin*, 33(1):33-66.
- MURRAY, A.V. 2016. The Poet Friedrich von Hausen on the Third Crusade and the Performance of Middle High German Crusading Songs. In: S. JOHN; N. MORTON (ed.), *Crusading and Warfare in the Middle Ages – Realities and Representations: Essays in Honour of John France*. Farnham, Ashgate, p. 119-128.
- NUSSER, P. 1992. *Deutsche Literatur im Mittelalter: Lebensformen, Wertvorstellungen und literarische Entwicklungen*. Stuttgart, Kröner, 410 p.
- PARSONS, S.T.; PATERSON, L.M. (ed.). 2018. *Literature of the Crusades*. Woodbridge, Boydell, 224 p.
- POWELL, J.M. 1986. *The Anatomy of a Crusade 1213-1221*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 312 p.
- RANAWAKE, S. 1994. Albrecht von Johansdorf, ein Wegbereiter Walthers von der Vogelweide? In: Egon BOSHOFF; Fritz Peter KNAPP (org.), *Wolffger von Erla: Bischof von Passau (1191-1204) und Patriarch von Aquileja (1204-1218) als Kirchenfürst und Literaturmäzen*. Heidelberg, Winter, p. 249-280.
- RICHARD, J. 2001. *The Crusades, c. 1071-c. 1291*. Cambridge, CUP, 516 p.
- RUNCIMAN, S. 1985. *The History of the Crusades*. London, Penguin, 3 vols.
- SAYCE, O. 1982. *The Medieval German Lyric 1150-1300*. Oxford, OUP, 511 p.
- SCHUTZ, Ht. 2010. *The Medieval Empire in Central Europe: Dynastic Continuity in the Post-Carolingian Frankish Realm, 900-1300*. Cambridge, Cambridge Scholars Publishing, 380 p.
- SCHWEIKLE, G. 1995. *Minnesang*. Stuttgart, Weimar, J.B. Metzler, 243 p.
- SILVA, D.G.G. 2013. Redefinindo a masculinidade no Parzival de Wolfram von Eschenbach: o caso do eremita Trevrizent. *Opsis*, 13(1):248-264.
- SETTON, K. (ed.). 1969-1989. *A History of the Crusades*. Madison, University of Wisconsin Press, 6 vols.
- TYERMAN, C. 2010. *A Guerra de Deus – Uma nova história das Cruzadas*. Rio de Janeiro, Imago, vol. 1, 590 p.
- URBAN, W. 2003. *The Teutonic Knights: A Military History*. London, Greenhill Books, 288 p.
- WALTHER, I.F.; SIEBERT, G. 1988. *Codex Manesse, Die Miniaturen der Grossen Heidelberger*. Frankfurt, Insel Verlag, 281 p.
- WEDDIGE, H. 2003. *Einführung in die germanistische Mediävistik*. München, C.H. Beck, 368 p.
- WIS, M. 1990. Hartmann von Aue und 'vranken'. Zur Saladin-Crux im Kreuzlied MF218,5. *Neuphilologische Mitteilungen*, 91(4):401-415.
- WOLF, J. 2007. *Einführung in das Werk Hartmanns von Aue*. Darmstadt, WBG, 151 p.

Fontes primárias

- Codex Palatinus Germanicus. 848. Codex Manesse. Disponível em: <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/cpg848>. Acesso em: 09/05/2017.
- Des Minnesangs Frühling*. 1988. Organizado por Hugo Moser e Helmut Tervooren. Stuttgart, S. Hirtzel, 468 p.

Deutsche Liederdichter des 13. Jahrhunderts. 1978. 2ª ed. Organizado por Carl von Kraus. Vol. 1: Text. Tübingen, Max Niemeyer, 645 p.
JOHANN OF WÜRZBURG. 1890. *Description of the Holy Land*. Trad. Aubrey Stewart. London, Palestine Pilgrims' Society, 94 p.
LOUD, G.A. (trad.). 2010. *The Crusade of Frederick Barbarossa – The History of the Expedition of the Emperor Frederick and Related Texts*. Farnham, Ashgate, 244 p.
GILBERT OF MONS. 2005. *Chronicle of Hainaut*. Trad. Laura Napran. Woodbridge, Boydell, 260 p.
WAITZ, G. (ed.). 1880. *Chronica regia Coloniensis cum continuationibus in monasterio S. Pantaleonis scriptis aliisque Coloniensis monumentis*

partim ex monumentis Germaniae historicis recusa. MGH, Scriptores rerum Germanicarum, 18. Hanover, Hahn, 414 p.
WALTHER VON DER VOGELWEIDE. 1994. *Werke. Band 1: Spruchlyrik*. Mittelhochdeutsch/Neuhochdeutsch. Organizado por Günther Schweikle. Stuttgart, Reclam Verlag, 550 p.

Submetido: 14/11/2017

Aceito: 03/05/2018